



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Experiências em Educação do Campo: perspectivas e práticas pedagógicas Sinop, v. 7, n. 3 (20. ed.), p. 1161-1175, ago./dez. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

BRINCADEIRAS NA ESCOLA: campo e cidade¹

Jéssica Wagner de Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo analisou os modos de brincar das crianças do ensino fundamental vindas do campo e das crianças da cidade ao estudarem e conviverem em uma escola no município de Sinop. O objetivo foi analisar se existe diferença na maneira de brincar entre esses dois grupos de crianças. A pesquisa de campo foi realizada por meio de observação e conversas com as crianças com posterior análise dos dados. Os resultados apontaram que há diferenças na forma de brincar entre os dois grupos, como o uso de tecnologias pelas crianças da cidade e as brincadeiras de roda pelas crianças vindas do campo.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Brincadeiras. Crianças. Campo e Cidade.

1 INTRODUÇÃO

Ao brincar a criança se desenvolve em vários aspectos, entre eles a atenção, a criatividade, a organização, a competição. A brincadeira e o brinquedo também tornam a criança um ser sociável, fazendo-a se relacionar com seus colegas, familiares e com o mundo. Como afirma Redin (2000, p. 74):

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **BRINCADEIRAS NA ESCOLA: campo e cidade**, sob a orientação do Dr. José Luiz Straub, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2016/1.

A atividade da idade infantil toma a forma de movimento, de brincadeira sempre envolvida de imitação social, de interação com os outros, de imaginação. Sempre em todos os indivíduos, em todos os povos, em todos os tempos, esta atividade tem a dimensão do modo como os homens se relaciona com o mundo e com os outros para garantir sua sobrevivência e portanto possuem um caráter subjetivo e social ao mesmo tempo – e servem como expressão de seu estar no mundo individual e coletivo.

Com este trabalho procuro analisar as formas de brincar de crianças vindas do campo e da cidade, verificar se as brincadeiras produzem avanços na aprendizagem, quais desses avanços podem ser identificados e se esses avanços ocorrem da mesma forma com as crianças a serem investigadas.

Ao propor este trabalho pensei como objetivo geral expor as formas do ato de brincar de dois grupos de crianças: as vindas do campo e as da cidade. Para tanto, organizei a seguinte problematização: verificar se as brincadeiras são incentivadas no processo de ensino aprendizagem das crianças e como a escola atende crianças advindas do campo e da cidade, se existe semelhança nas práticas do brincar entre as crianças que vem do campo para a escola e as que vivem na cidade, investigando se as brincadeiras auxiliam as crianças em sua aprendizagem e produção de conhecimento.

Os sujeitos desta pesquisa são professores(as) e alunos, a mesma foi realizada com crianças do primeiro ao quinto ano da Escola Municipal de Educação Básica Jardim Paraíso, localizada na Rua das Seringueiras, nº 2001, Jardim Paraíso, no município de Sinop – MT. A pesquisa foi organizada da seguinte forma: a coleta de dados para as análises foi feita por meio de observação das crianças em momentos como intervalo e durante as aulas de educação física, nos corredores da escola, quadra de esporte e pátio interno, por um período de uma semana, sendo quatro horas diárias. Além disso, entrevistei professores e direção da escola em momentos de hora atividade.

Como constatei nas leituras de autores e nas observações realizadas nas escolas durante meus estágios e práticas de ensino, a brincadeira proporciona à criança uma educação sadia e prazerosa. Sendo que quando ela brinca está se desenvolvendo fisicamente, emocionalmente e mentalmente, aprimorando seus sentidos, por isso é muito importante que as brincadeiras façam parte das práticas que a escola utiliza no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças.

2 REVISITANDO A INFÂNCIA E A ESCOLA

Antes do início da Modernidade não se tinha conhecimento sobre a infância, as crianças não eram respeitadas, nem valorizadas, as crianças não possuíam o direito de brincar como hoje, brincavam, mas em uma relação social com o adulto. Hoje existem garantias em lei, como aponta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990 (LEI ORDINÁRIA) 13/07/1990 no art.16 do Capítulo II, Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade Art. 16. “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: IV - brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Ariès (1981) afirma que até o século XII, a infância simplesmente não existia, as crianças eram vistas apenas como diversão para os adultos, sendo assim, a única coisa que distinguia as crianças dos adultos era o tamanho, ou seja, essas crianças da idade média estavam presentes em todas as atividades dos adultos.

A infância começa a surgir (quando se aproximava a Modernidade) apenas por volta do século XIII, através da representação da igreja, que naquele tempo, foi uma grande formadora de ideias e modelos de sociedade, com imagens de crianças em diversas posições.

Na história da infância, a escola teve um papel importantíssimo para que o surgimento da mesma se fizesse possível. A escola separou as crianças dos adultos, antes da escola existir essa divisão não acontecia. Ariès (1981, p. 11) afirma que “A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles”. Contudo, podemos dizer que a infância continua em mudança constante de acordo com o passar dos anos, Straub (2010, p. 22) explicita que:

[...] a infância não é um *a priori*, como na modernidade procurou se afirmar; muito pelo contrário, ela se configurou num processo histórico atendendo às várias mudanças pelas quais a humanidade vem passando século após século.

A infância vem mudando com o tempo, assim como a criança também mudou, mudaram suas vestimentas, mudaram seus direitos, mudaram seus deveres, a

sociedade passou a vê-la com um olhar diferente, essa é a evolução da infância, também a escola não existia no princípio, como apontaremos no próximo item.

2.1 A EDUCAÇÃO E A ESCOLA: uma relação construída para a contemporaneidade

A educação acontece em lugares diversos, não precisando necessariamente ocorrer no ambiente escolar, antigamente não havia escola. Aranha (2006, p. 34) afirma que “Estamos tão acostumados com a escola que as vezes nos parece estranho o fato de que essa instituição não existiu sempre, em todas as sociedades”, devido não haver escolas, geralmente as crianças eram educadas em casa. Para Brandão (2006, p. 9) “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”.

A escola foi criada pela sociedade para que houvesse transmissão de cultura e conhecimento. Como citado no capítulo anterior, com o surgimento do sentimento de infância as crianças começaram a ser separadas dos adultos, que antes ficavam todos no mesmo espaço com as mesmas atividades, com isso as crianças aprendiam separadamente. Nesse sentido, Oliveira (1995, p. 16) afirma que:

A escola era - e assim permaneceu por séculos: o local separado, apartado, especializado da sociedade, justamente designado para preparar o jovem a essa sociedade, tal como constituída e organizada por seus pais, membros ‘fundadores’ dessa mesma sociedade. A escola foi, portanto, um ‘clube’ para sócios selecionados.

Sendo que a escola é o local responsável para que haja a transmissão, produção de conhecimento e cultura, é nela que o aluno vai para construir e organizar seus saberes.

Sendo assim a escola pode fomentar espaços e momentos que propiciem o brincar, de acordo com Testa (2015, p. 100), a escola deve ser um local onde a criança possa sentir-se livre para criar, jogar, brincar, etc.

Deve-se oportunizar na escola que os alunos possam produzir suas próprias formas de brincar, uma vez que o jogo é um aspecto cultural, variável. As possibilidades de atuação neste sentido no contexto da

educação do campo vão ao encontro da premissa da valorização da cultura camponesa no processo de ensino. Quando os alunos trazem seu cotidiano de jogos e brincadeiras para a escola, estão novamente dando sentido ao seu aprendizado (TESTA, 2015, p. 100).

Podemos observar que as afirmativas de Testa (2015), também ocorrem no entendimento dos gestores escolares. Isso se confirma quando, em entrevista, a Diretora da escola em que realizei a pesquisa, Bernadete², nos diz que:

(01) Diretora Bernadete: A escola, para fomentar a brincadeira, promove pelo menos uma vez por mês gincanas onde todas as crianças da escola participam, pois acreditamos que o lúdico é importante para o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Nos primeiros tempos do surgimento da escola, já avançada a Modernidade, a escola não era para todos, não era igualitária, tinha acesso apenas uma pequena minoria, a burguesia. Encontramos também em Straub (2003, p. 35) confirmação desse processo de exclusão/separação por estratos sociais das crianças:

As escolas, por sua vez, tiveram uma grande participação na separação entre crianças pobres e ricas. Essa divisão entre crianças de diferentes estratos já estava presente no final do século XIX e início do século XX, nas leis que tratavam da escolarização das crianças pobres: na lei nº 88 de 1892 constava que um décimo das vagas ao ginásio se destinaria gratuitamente aos meninos pobres, contanto que fossem inteligentes e que mostrassem por concurso estarem habilitados.

Era comum, décadas atrás, as escolas utilizarem métodos muito rígidos. A correção nas escolas era feita através de punições severas com as crianças, principalmente agressões físicas, acreditava-se que essas agressões eram medidas disciplinares, e que tornariam as crianças adultos de bem, conforme mostra Aranha (2006, p.126):

A fim de proteger as crianças de 'más influências', propôs-se uma hierarquia diferente, submetendo-as a severa disciplina, inclusive a castigos corporais. A meta da escola não se restringia à transmissão de conhecimentos, mas a formação moral. O regime de estudo era de certo modo rigoroso e extenso.

² Fica decidido que os nomes dos entrevistados são fictícios, para preservar sua identidade.

Hoje vemos muitas crianças com problemas de indisciplina nas escolas. Na observação que realizei no fazer investigativo, ouvi relatos de professores que reclamavam sobre a falta de respeito que as crianças tem na atualidade, em observação da professora Karolina ao comparar as crianças vindas do campo com as crianças vindas da cidade, ela afirma que as crianças vindas do campo possuem maior respeito com o professor, afirma ela:

(02) Professora Karolina: As crianças do campo são até mesmo mais respeitadas com os professores, elas trazem aquela ingenuidade ainda de criança, enquanto as da zona urbana, já tem um diferencial que você percebe na hora.

Ainda nos dias atuais a escola passa por mudanças. Quem faz a escola são seus alunos, e sua comunidade escolar em geral, pois se eles não existissem também não haveria a escola.

2.2 COMO SE DÁ A EDUCAÇÃO?

Como viemos mostrando, a partir do que nos dizem vários autores, a educação é um processo que vem acompanhando as sociedades em seu desenvolvimento. A criança por sua vez, passa na Modernidade, a ser o foco principal do processo educativo para assim, assumir seu lugar na sociedade, primeiramente como criança dentro do período infância e, mais tarde, como adulto que participa do contexto do trabalho e dos avanços da sociedade.

Trouxe essa contextualização histórica sobre a infância e a educação, por compreender ser muito importante para entender como as brincadeiras podem fazer parte do processo de aprendizagem das crianças, seja na escola ou fora dela. Ao olharmos para o processo educativo, temos em Ghiraldelli (2009, p. 13) dados que nos ajudam a entender como a educação vêm fazendo parte da formação das pessoas e das sociedades no decorrer do tempo:

O termo 'educação' tem sua origem em duas palavras do latim: *educere* e *educar*. A primeira quer dizer 'conduzir de fora', 'dirigir exteriormente'; a segunda indica 'sustentar', 'alimentar', 'criar'. O sentido comum é o de 'instruir' e 'ensinar', mas com conotações diferentes que já indicam posturas pedagógicas diferentes. A derivação dupla da palavra deixa entrever dois

grandes caminhos da filosofia da educação no mundo ocidental: por um lado, o ensino dirigido baseado em regras exteriores em relação ao aprendiz, por outro o ensino dirigido no sentido de incentivar o aprendiz a forjar as suas próprias regras.

Na história do Brasil encontramos que no ano de 1530, a economia baseava-se exclusivamente na agricultura, a educação não era vista como prioridade naquela época. Aranha (2006, p. 139) afirma que “A educação não constituía meta prioritária, já que o desempenho de funções na agricultura não exigia formação especial”. Contudo, hoje, quando a inclusão se faz necessária por todos participarem de uma mesma sociedade, que defende a igualdade, embora muitas vezes isso não se confirme, a educação das pessoas do campo são uma necessidade e as crianças advindas da zona rural passam cada vez mais a se integrarem ao ensino regular na escola. As novas tecnologias levadas ao campo exigem que o trabalhador rural esteja melhor preparado para produzir mais, e assim participar do processo de concorrência e de consumo.

Constatei que na escola em que fiz a pesquisa, as crianças do campo estudam conjuntamente com as da cidade seus hábitos se diferenciam. Como quando observei as crianças brincarem livremente no momento após a realização das brincadeiras dirigidas mediadas pela professora de educação física em sua aula na quadra, quando um grupo de meninos e meninas, em torno de umas 10 crianças, brincavam de um jogo sem nome definido, parecido com *beiseball*, onde a criança A ficava com a bola de futebol, e era responsável por dar uma volta completa em torno da quadra, sem que fosse capturado pelos seus adversários, que era uma criança B escolhida entre eles para vir atrás da criança A que corria em torno da quadra na parte externa das listras demarcadas na quadra, com o intuito de pegá-la, para salvar e marcar ponto a criança A deveria passar por todos os pontos da quadra onde estavam vários colegas posicionados no decorrer do percurso, e ao final quando desse a volta completa arremessar a bola sentido a um paredão de outras três crianças, que iriam tentar pegar a bola, se elas conseguissem pegar a bola o ponto era daquele time, quando arremessavam entre as crianças e a bola ia parar do outro lado as crianças de seu respectivo time vibravam por tê-lo conseguido.

Ao término da brincadeira questionei com as crianças quem havia ensinado a tal, e elas apontaram que havia sido criança X, a criança X mora no campo, quando

perguntei como ela pensou naquela brincadeira, logo me respondeu que teve a ideia através de um filme que havia assistido onde viu jogo parecido, com isso, constatei as crianças que vem do campo apresentam maior criatividade, e facilidade em transmitir e reproduzir algo, e ainda que isso foi confirmado na fala da professora Angélica, que propicia essa liberdade para que as crianças criem, e desenvolvam sua imaginação ao dizer que

(03) Professora Angélica: Uma vez por mês eu faço um momento livre, onde eles criam as brincadeiras, é onde eu mais consigo perceber a diferença das crianças que são da cidade e as que vem do campo. E há diferença sim as crianças que vem do campo, elas vem com uma habilidade motora melhor, o corpo mais desenvolvido a questão do equilíbrio e da coordenação por eles não ficarem tanto tempo trancados em casa, a as habilidades deles de subir em árvores, em correr, geralmente é melhor do que quem está na cidade, e nas brincadeiras, por exemplo, eles tem mas facilidade em criar as brincadeiras do que as crianças da cidade, porque geralmente quando eles não tem o que eles fazem? Eles vão para televisão para o computador, já nossos alunos do campo, não tem, então eles tem um repertório de brincadeiras maior e se cansam menos. Até na criatividade eles se destacam.

Já as crianças nos séculos passados, principalmente as indígenas, como nos diz Aranha (2006), aprendiam com os mais velhos as profissões, ou ainda, nos tempos mais antigos, aprendiam a caça, a pesca a agricultura, confirmamos, ainda, com Aranha (2006, p.35) que “Os mitos e os ritos são transmitidos oralmente, e a tradição se impõe por meio da crença, permitindo a coesão do grupo e a repetição dos comportamentos considerados desejáveis. Assim são constituídas comunidades estáveis, no sentido de que nelas as mudanças acontecem muito lentamente”.

Tais práticas e aprendizagens também fazem parte do cotidiano das crianças que eu observei como aparece no momento que o aluno A, juntamente com um grupo de crianças, brincava no momento do intervalo de cabra cega, diferente, a venda foi feita com a sua camiseta, (no momento da brincadeira o aluno A estava sem camiseta, apenas de bermuda), questionei-o sobre quem havia lhe ensinado tal brincadeira, ele disse que sua mãe havia ensinado para que eles brincassem em

casa com os irmãos. A brincadeira acontecia na frente da porta de suas salas, todos que brincavam estudavam na mesma sala, 3º ano, O aluno A que era a cabra, estava vendado e tentava pegar os colegas que desviavam e ficavam salvos quando subiam em um banco de cimento localizado na parede externa das salas, mas a cabra ficava na posição diferente, não em pé como de costume, mas posicionado com as duas mãos no chão, quando perguntei porque a cabra não ficava de pé o aluno A me respondeu: “é porque é assim que as cabras andam, você já viu alguma cabra andar só com duas patas?”. Com tal afirmação pude constatar que as crianças vindas do campo, além de terem criatividade para criar brincadeiras, também ainda nos dias atuais trazem consigo ensinamentos passados pelos seus familiares, e conseguem adaptar o que conhecem no campo, em relação a animais, a terra, para suas vivências do cotidiano. Como constatei ainda que essas crianças passam esse conhecimento adiante ao se relacionarem com crianças que moram na cidade, elas trazem consigo uma bagagem, uma história de vida, um contexto de campo que é muito significativo para seu desenvolvimento. Confirmo isso com a fala da professora Marilena ao falar das crianças vindas do campo:

(04) Professora Marilena: Eles têm uma troca de brincadeira muito grande, por que aquilo que os da zona rural têm os da zona urbana não tem então eu percebo mesmo que tem muita troca, aquelas brincadeiras que eles fazem lá na fazenda no sítio, eles ensinam aos da cidade, e geralmente a brincadeira deles são mais interessantes do que as da zona urbana, eram brincadeiras que utilizam muito o corpo, brincadeiras de roda, que estimulam a criatividade o riso.

3 O BRINCAR, A BRINCADEIRA E A APRENDIZAGEM

O brincar faz parte da vida da criança, se seguirmos os ensinamentos de Rousseau diríamos que a criança é inocente e incapaz de fazer o mal, sua maior felicidade é correr, pular, dançar, brincar e se divertir. De acordo com Straub (2003, p. 45), “Parece se estabelecer uma reciprocidade entre criança e brincadeira, como se isso fosse algo natural, como se as brincadeiras tivessem o mesmo relevo/importância na vida das crianças”, mas as brincadeiras são produtoras das crianças.

É nas brincadeiras que as crianças se constituem. Conforme observei quando três meninas que estavam brincando no momento do intervalo, elas definiam o que cada uma deveria realizar na brincadeira por elas chamada de pico no alto, assim Emanuele era quem ia pegar, e Isadora e Yasmin seriam quem iria correr, elas somente estariam salvas se encostassem no pilar localizado no pátio interno, assim prosseguiu até Emanuele pegar Yasmin e as mesmas trocaram as posições, e se repetiu várias vezes até tocar o sinal para o retorno as salas de aula.

Sendo assim, a brincadeira parece ser algo onde a criança se reconhece, através de suas ações, quando ela está brincando, ela está interagindo, apesar de o jogo e a brincadeira ser um fator estimulador de inteligência, devem ser espontâneos:

Entende-se que o jogo, por ser uma ação voluntária da criança, um fim em si mesmo, não pode criar nada, não visa nenhum resultado final. O que importa é o processo em si de brincar que a criança se impõe. Quando ela brinca, não está preocupada com a aquisição de conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade mental ou física. Da mesma forma, a incerteza presente em toda conduta lúdica é outro ponto que merece destaque. No jogo, nunca se tem o conhecimento prévio dos rumos da ação do jogador, que dependerá, sempre, de fatores internos, de motivações pessoais, bem como de estímulos externos, como a conduta de outros parceiros. (KISHIMOTO, 2008, p. 114).

A brincadeira faz parte do cotidiano da criança, o brincar também é algo que é de direito da criança, toda criança tem o direito de brincar livremente, esta é a principal tarefa de sua vida, divertir-se, imaginar, conhecer o mundo, a cultura que ela está inserida, as pessoas que são de seu convívio, aprender a relacionar-se com as pessoas. No brincar a criança consegue tornar real aquilo que ela fantasia, como constatei ao observar um grupo de crianças brincando de “mercadinho”, na qual haviam as que estavam comprando e possuíam determinado valor para gastar, e também aquelas que trabalhavam no “mercadinho”, ou repondo as mercadorias, ou como caixa, recebendo os valores. Ao ouvir as crianças, na brincadeira, ouvi falas como “vou ter que comprar leite para o meu bebê, ele só mama com achocolatado, vou ter que levar também” “amiga, você vai gastar todo seu salário?” “eu te empresto, mas vou cobrar juros”, as crianças tornam real aquilo que fantasiam, ou observam da e na realidade. Como Bomtempo (2009, p. 67) diz: “No jogo simbólico as crianças constroem uma ponte entre a fantasia e a realidade”.

Nesse faz-de-conta ela consegue expressar suas vontades, seus medos, seus sonhos, seus traumas e também suas alegrias, tudo isso através destas atividades lúdicas, pois a brincadeira nada mais é que o lúdico em ação, a brincadeira lúdica é algo que traz prazer para a criança. Essas brincadeiras imaginárias foram denominadas por Piaget como jogo simbólico, onde a criança não brinca apenas com a intenção de dominar suas dificuldades ou aprimorar uma ação, mas ela imagina, ela cria uma história, ou inventa uma situação, como observou Bomtempo (2009, p. 60): “podemos observar crianças que brincam imitando barulhos de canhão e roncões de aviões com apenas alguns pedaços de madeira e soldados de plástico”.

É na brincadeira também que a criança conseguirá desenvolver seus sentidos. Utilizando seus órgãos sensoriais ela poderá tocar, cheirar, ouvir e ver tudo que está a seu redor, por isso é tão importante a criação de cantos pedagógicos para que a criança consiga explorar esses sentidos e crie interesse em estar ali naquele local. Cada vez mais os educadores se conscientizam da importância do jogo e da brincadeira na vida da criança, importância esta que influencia na vida adulta de cada ser humano, de diversas formas, como por exemplo: no aspecto social, moral, intelectual, ético, etc. E reconhecem também que é possível aprender sempre novas brincadeiras com as crianças, como afirma a professora:

(05) Professora Karolina: As meninas tinham brincadeiras que eu não conhecia, até aprendi brincadeiras novas, com regras diferentes das que já conhecia, com as crianças que vem do campo, para você trabalhar a coordenação motora por exemplo, elas trazem brincadeiras ótimas.

Ao ver uma criança brincando logo pensamos no prazer que a mesma está sentindo em estar ali, participando desta ação lúdica, mas o brincar, o jogo, engloba muito mais que isso, envolve o desenvolvimento cognitivo da criança, desenvolvimento da linguagem, da autonomia, sendo que é o brincar que desperta a sua curiosidade, estimula sua imaginação, e interage com as pessoas.

Segundo Kishimoto (2009, p. 19), “O brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criador do objeto lúdico.” O uso do brinquedo educativo ou pedagógico torna-se uma ferramenta de auxílio ao professor que busca ensinar, pois a criança se identifica com a brincadeira e o jogo, pois isso faz parte de seu mundo,

e está presente em seu cotidiano. Portanto, podemos afirmar que a brincadeira e o jogo fazem parte da infância de qualquer indivíduo, e esta fase do brincar, de descobrir o mundo através dos sentidos, não deve ser interrompida de maneira alguma. Assim, é muito importante que o educador utilize esses recursos para o ensino em sala de aula, tornando assim suas aulas mais produtivas e interativas. Brougère (2002, p. 23) explica que “Esquecemo-nos facilmente de que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular”, o educador também deve aprender a brincar com a criança, e também ensiná-la a brincar, já que o brincar é uma habilidade que se adquire e se aprimora.

Penteado (2009, p. 167) afirma que a brincadeira é “digna de estar presente entre recursos didáticos capazes de compor uma ação docente comprometida com os alvos do processo de ensino-aprendizagem que se pretende atingir”. O professor deve atuar como mediador, trazendo o ensino de uma forma lúdica para que o mesmo se torne algo prazeroso, como confirmei na pesquisa de campo nas falas de alguns professores, entre eles a professora Angélica que assim se pronunciou:

(06) Professora Roneide: Eu trabalho com música, jogos poemas em sala de aula, pois a criança na fase de alfabetização ela precisa do lúdico, para ela brincar aprendendo, por exemplo, dominó de sílabas, adição, subtração com jogos, eu utilizo esses recursos dentro de sala, fora da sala eu faço brincadeiras de roda, cantar música, ou fazer alguma outra brincadeira em que todos participem.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No processo de investigação que efetuei neste trabalho pude constatar que as brincadeiras são práticas do mundo infantil e que são muito significativas na formação dos saberes das crianças, a brincadeira auxilia no processo de ensino-aprendizagem, como também auxilia nas relações pessoais das crianças, fazendo-as criarem vínculos com diferentes grupos de crianças. Também ficou evidente que os profissionais da educação que auxiliaram para o resultado dessa pesquisa acreditam que a brincadeira, assim como o lúdico, é uma ferramenta indispensável para tornar o ensino mais prazeroso.

Nesse sentido concluo que a criança que utiliza da brincadeira como prática diária tem um maior desenvolvimento da criatividade que acaba por auxiliar nos estudos. Os resultados mostram que as crianças que vem do campo, tem o hábito maior da brincadeira, pois acaba por ser o único recurso para a diversão, já que a grande maioria não tem acesso facilitado ao uso de tecnologias. A criança vinda do campo utiliza a brincadeira como uma fonte de lazer, ela cria e recria, e repassa para os demais as diversas formas do brincar.

PLAYS AT SCHOOL: countryside and city

ABSTRACT³

This article analyzed modes of playing of children at elementary school that come from countryside and city when they study and coexist in a school in Sinop. The objective was to verify if there is difference between ways of playing of these two groups of children. The field research was carried out through observation and conversations with children and analysis of data in sequence. The results indicated that there are differences between the forms of playing of those two groups, such as the use of technologies by children of city as well as circle time games played by children that come from the countryside.

Keywords: Elementary School. Plays. Children. Countryside and City.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

³ Resumo traduzido por Vinícius Dallagnol Reis, Graduado em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus universitário de Sinop, Professor de Cursinho (PPE).

BOMTEMPO, Edda. A Brincadeira de Faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira, e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente (ECA)**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em: 20 jun. 2015.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

DIRETORA 1. **Bernadete**: depoimento. [2016] Entrevistadora: Jéssica Wagner de Souza. Sinop, MT, 2016. Gravação digital de áudio (6 min. 11 seg.) Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre Brincadeiras na escola: campo e cidade.

GHIRALDELLI, Paulo Junior. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O Jogo e a Educação Infantil**. Brasília, DF: Editora Thonsom Pioneira, 2008.

_____. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira, e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2009.

STRAUB, José Luiz. **Reciprocidade produzida no contexto escolar e fora dele**. Cáceres: Editora Unemat, 2003.

OLIVEIRA, Newton Ramos de. Formações Concorrentes. In: **Escola e seus alunos**. São Paulo: Editora Unesp, 1995

PENTEADO, Heloísa Dupas. Jogo e Formação de professores: videopsicodrama pedagógico. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira, e a Educação**. São Paulo: Cortez. 2009

PROFESSORA 2. **Professora Karolina**: depoimento. [2016] Entrevistadora: Jéssica Wagner de Souza. Sinop, MT, 2016. Gravação digital de áudio (21 min. 06 seg.) Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre Brincadeiras na escola: campo e cidade.

PROFESSORA 3. **Professora Angélica**: depoimento. [2016] Entrevistadora: Jéssica Wagner de Souza. Sinop, MT, 2016. Gravação digital de áudio (17 min. 38 seg.) Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre Brincadeiras na escola: campo e cidade.

PROFESSORA 4. **Professora Marilena**: depoimento. [2016] Entrevistadora: Jéssica Wagner de Souza. Sinop, MT, 2016. Gravação digital de áudio (9 min. 48 seg.)

Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre Brincadeiras na escola: campo e cidade.

PROFESSORA 6. **Professora Roneide**: depoimento. [2016] Entrevistadora: Jéssica Wagner de Souza. Sinop, MT, 2016. Gravação digital de áudio (5 min. 23 seg.)
Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre Brincadeiras na escola: campo e cidade.

REDIN, Euclides. **O Espaço e o Tempo da Criança**: se der tempo a gente brinca, Porto Alegre: Mediação, 2000.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

STRAUB, José Luiz. **Infância e brincadeiras**: reciprocidade produzida no contexto escolar e fora dele. Sinop: CEACD/Sinop – Unemat, 2010.

TESTA, Saulo. **As Políticas de educação física e educação do campo no estado do Paraná**. Maringá, PR, 2015. Disponível em:
<<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2015%20-%20Saulo.pdf>> Acesso em: 01 jun 2016.

Correspondência:

Jéssica Wagner de Souza. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jessicawagner_@hotmail.com

Recebido em: 29 de outubro de 2016.

Aprovado em: 26 de novembro de 2016.